

Desafios Acadêmicos de Mães Universitárias: Redes de Apoio e Inclusão Social

Lisa Maria Sette Freire¹
¹*Faculdade Pernambucana de Saúde,
Recife, PE, Brasil.*

Maria Clara Guedes. A. C. Leão¹
¹*Faculdade Pernambucana de Saúde,
Recife, PE, Brasil*

Melissa Neves Garcia¹
¹*Faculdade Pernambucana de Saúde,
Recife, PE, Brasil.*

Resumo: A gravidez na adolescência é um fenômeno de significativa relevância na sociedade brasileira, especialmente por seus impactos nos projetos de vida e na estruturação da identidade das jovens. Nesse contexto, adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com acesso limitado a informações e recursos, enfrentam maiores riscos de gravidez precoce, perpetuando ciclos de desigualdade socioeconômica. Além disso, a maternidade impõe às adolescentes desafios complexos, como a sobrecarga emocional e física, prejudicando seu desempenho escolar e a integração em ambientes como o universitário. Este estudo investiga os desafios enfrentados por mães universitárias que engravidaram na adolescência, destacando o impacto das responsabilidades maternas em sua trajetória acadêmica. A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, realizando entrevistas semiestruturadas com cinco estudantes de ensino superior que se tornaram mães até os 20 anos. Os resultados revelam a sobrecarga emocional e física que essas jovens experimentam ao equilibrar suas obrigações acadêmicas e maternas. A análise sublinha a importância de redes de apoio familiar e social para permitir a continuidade dos estudos dessas mulheres. Destaca-se ainda a necessidade de políticas inclusivas nas universidades, como licença-maternidade, espaços para amamentação e maior flexibilidade nas exigências

acadêmicas. O estudo conclui que, sem suporte adequado, muitas mães são forçadas a interromper sua formação acadêmica, perpetuando desigualdades socioeconômicas. As recomendações incluem a criação de ambientes acadêmicos mais acolhedores e a implementação de políticas que promovam a inclusão dessas estudantes. Este trabalho contribui para a ampliação do conhecimento sobre a realidade das mães universitárias e reforça a importância de novas pesquisas nesse campo.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência, Ensino Superior, Redes de Apoio, Políticas Inclusivas.

Academic Challenges of University Mothers: Support Networks and Social Inclusion

Abstract: Teenage pregnancy is a phenomenon of significant importance in Brazilian society, especially because of its impact on the life projects and identity structure of young women. In this context, adolescents in situations of social vulnerability, with limited access to information and resources, face greater risks of early pregnancy, perpetuating cycles of socio-economic inequality. In addition, motherhood imposes complex challenges on adolescents, such as emotional and physical overload, impairing their school performance and integration into environments such as university. This study investigates the challenges faced by university mothers who became pregnant as teenagers, highlighting the impact of maternal responsibilities on their academic career. The research used a qualitative approach, conducting semi-structured interviews with five higher education students who became mothers by the age of 20. The results reveal the emotional and physical overload these young women experience when balancing their academic and maternal obligations. The analysis highlights the importance of

family and social support networks to enable these women to continue their studies. It also highlights the need for inclusive policies at universities, such as maternity leave, spaces for breastfeeding and greater flexibility in academic requirements. The study concludes that without adequate support, many mothers are forced to interrupt their academic training, perpetuating socio-economic inequalities. Recommendations include the creation of more welcoming academic environments and the implementation of policies that promote the inclusion of these students. This work contributes to expanding knowledge about the reality of university mothers and reinforces the importance of further research in this field.

Key-words: Pregnancy in Adolescence, Higher Education, Social Support, Public Nondiscrimination Policies

Desafíos Académicos de las Madres Universitarias: Redes de Apoyo e Inclusión Social

Resumen: El embarazo en la adolescencia es un fenómeno de significativa importancia en la sociedad brasileña, especialmente por su impacto en los proyectos de vida y en la estructura de identidad de las jóvenes. En este contexto, las adolescentes en situación de vulnerabilidad social enfrentan mayores riesgos de embarazo precoz, perpetuando desigualdades socioeconómicas. La maternidad implica desafíos emocionales y físicos que afectan su desempeño escolar y acceso a la educación superior. Este estudio investiga los desafíos enfrentados por madres universitarias que quedaron embarazadas en la adolescencia, destacando el impacto de las responsabilidades maternas en su trayectoria académica. La investigación utilizó un enfoque cualitativo, realizando entrevistas semiestructuradas a cinco estudiantes de enseñanza superior que se

convirtieron en madres a la edad de 20 años. Los resultados revelan la sobrecarga emocional y física que experimentan estas jóvenes al compaginar sus obligaciones académicas y maternas. El análisis resalta la importancia de redes de apoyo y políticas inclusivas en las universidades, como permisos de maternidad, espacios de lactancia y flexibilidad académica. El estudio concluye que, sin el apoyo adecuado, muchas madres se ven obligadas a interrumpir su formación académica, perpetuando las desigualdades socioeconómicas. Las recomendaciones incluyen la creación de entornos académicos más acogedores y la aplicación de políticas que promuevan la inclusión de estas estudiantes. Este trabajo amplía el conocimiento sobre las madres universitarias y destaca la importancia de continuar investigando en este tema.

Palabras clave: Embarazo en Adolescencia, Educación Superior, Apoyo Social, Políticas Inclusivas.

Introdução

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é definida como o período entre 10 e 19 anos, subdividido em pré-adolescência, adolescência e juventude. Essa fase é marcada por mudanças significativas de natureza física, psicológica e social. A imagem corporal do adolescente passa por transformações, afetando a percepção de si mesmo diante das novas experiências. Nesse período, os indivíduos assumem papéis sociais variados conforme as diferentes culturas e enfrentam responsabilidades inéditas. Assim, a adolescência configura-se como um fenômeno biopsicossocial, fundamental para a estruturação da identidade (Benzoni et al, 2020).

Embora frequentemente associada à idade, é incorreto limitar as etapas do desenvolvimento adolescente a uma ordem cronológica fixa devido à variabilidade

biológica e a fatores externos que influenciam diretamente a formação de sua maturidade (Benzoni et al, 2020). Nesse período, a puberdade desencadeia mudanças fisiológicas de acordo com a particularidade genética de cada indivíduo e, em conjunto com as experiências proporcionadas pelo contexto sociocultural, a personalidade e o crescimento são consolidados. Assim, progressivamente, o adolescente é integrado ao seu grupo social (Benzoni et al, 2020).

A experiência da adolescência é contextual, existindo diversas formas de viver a fase, de acordo com o grupo social e a geração. Conseqüentemente, as percepções, valores atribuídos ao estado adolescente e as expectativas correspondentes são multifacetadas e culturalmente influenciadas. Nesse sentido, o processo de individuação é intrinsecamente singular (Cabral & Brandão, 2020).

Dentre as complexidades e novidades inerentes a esta fase, a sexualidade começa a manifestar-se de múltiplas maneiras. Considera-se saudável o processo de descoberta e compreensão da própria sexualidade, sendo a exploração desse aspecto um comportamento positivo. Entretanto, é necessária uma bagagem anterior ao ato sexual (Alberti & Silva, 2019). O conhecimento se faz necessário como preventivo a possíveis conseqüências negativas no início da vida sexual, como infecções e a própria gravidez precoce (Alberti & Silva, 2019).

É de comum acordo que adolescentes estudantes, com acesso a informações, oportunidades, conhecimento sobre si e sua sexualidade, iniciam a vida sexual de forma mais salutar. Já aqueles excluídos socialmente, com pouca ou nenhuma educação escolar, são facilmente submetidos a situações e experiências inseguras (Cabral & Brandão, 2020). Nesse sentido, a falta de conhecimento apenas cega e desprepara o jovem, deixando-o suscetível a abusos e práticas sexuais não seguras (Cabral & Brandão, 2020).

Atitudes voltadas para aumentar a visibilidade do assunto são essenciais no contexto social brasileiro. Segundo dados do IBGE de 2021, as maiores taxas de gestações na adolescência ocorrem entre jovens de baixa renda e baixa escolaridade. A falta de perspectiva e oportunidades futuras para esse grupo pode perpetuar a gravidez como um obstáculo significativo, afetando negativamente o ambiente familiar, o desempenho escolar, a vida social e a autoestima das adolescentes. Assim, essa realidade pode comprometer severamente os planos de vida das jovens, alimentando a desigualdade socioeconômica no Brasil (IBGE, 2021).

Ainda que a gestação seja um fenômeno natural na vida da mulher, é crucial enfatizar as alterações físicas e psicológicas que impactam sua saúde, qualidade de vida e integração ao ambiente universitário. Durante o período gestacional, essas mudanças podem provocar ansiedades, incertezas e preocupações, potencialmente prejudicando o seu bem-estar e desempenho acadêmico (Benedito, 2020).

Após o período gestacional, a mulher assume um novo papel social. Os cuidados com o bebê são extremamente complexos e cansativos, tornando ainda mais difícil equilibrar as funções de mãe e universitária. Problemas como irregularidades nas aulas, atrasos e saídas antecipadas são algumas das situações enfrentadas pelas mães, o que pode impactar o aprendizado dessas jovens. (Benedito, 2020).

Uma das maneiras pela qual a adolescente pode arcar com tantas questões é o apoio familiar, sendo de extrema importância para que a adolescente consiga lidar com todas essas questões de forma equilibrada. No geral, quando se fala em gravidez na adolescência, é muito comum que as reações iniciais dos familiares sejam, de certa forma, negativas. Entretanto, com o auxílio da família, essa jovem poderá manter uma estabilidade para conseguir assumir os cuidados necessários ao filho e investir em seus estudos (Gonzaga et al, 2021).

É provável que essas adolescentes se sintam sobrecarregadas durante todo esse processo de maternidade e estudo. Assim, é de valor científico compreender os desafios enfrentados por essas estudantes, os quais impactam seus aspectos psicossociais e sua capacidade de completar o curso universitário. Além disso, é socialmente relevante identificar os elementos que facilitam o acesso dessas mulheres ao ensino superior (Vieira, 2018).

Método

Trata-se de um estudo transversal de natureza qualitativa. Teve como objetivo analisar como uma adolescente em processo de transição para a vida adulta consegue conciliar as demandas características desta fase com a maternidade, enquanto mantém a continuidade dos seus estudos.

Para captação dos participantes foi utilizado o método *snowball sampling*, conhecida como “bola de neve” ou “cadeia de informações”. Essa técnica é utilizada em pesquisas sociais e tem a seguinte dinâmica: cada convidado divulga e convida outros participantes, ocorrendo a divulgação de pessoa para pessoa e assim sucessivamente (Kirchherr & Charles, 2018). O link enviado incluía um convite para participar do estudo, que explicava os objetivos da pesquisa, com um segundo endereço virtual que as direciona inicialmente para o um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, as participantes foram contactadas para agendamento da entrevista.

A população-alvo foi composta por universitárias que engravidaram na adolescência e estavam frequentando instituições de ensino superior, tanto da rede privada quanto pública. Os critérios de inclusão adotados para a seleção dos participantes foram: serem estudantes maiores de idade que se tornaram mães até os 20 anos e ingressaram no ensino superior até 2 anos após o parto. A amostragem foi por

conveniência, continuando até que a saturação dos temas investigados fosse alcançada, resultando em um total de 5 entrevistas. O número de participantes foi determinado pelo período de 20 dias estipulado a veiculação do link convite na etapa de captação.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, de elaboração dos pesquisadores, com perguntas sociodemográficas e questões elaboradas pelos pesquisadores para compreender o contexto das adolescentes, incluindo dimensões socioeconômicas, familiares e psicológicas, levantando todos os aspectos subjetivos. As entrevistas foram realizadas em uma sala virtual, garantindo condições adequadas de privacidade. As entrevistas foram gravadas através de um aplicativo de voz em smartphones e, posteriormente, transcritas manualmente pelas pesquisadoras em um documento do Microsoft Word.

A análise dos dados foi realizada por meio da abordagem qualitativa, utilizando a Análise de Conteúdo Temática conforme Bardin (2011), que compreende três etapas principais. Na pré-análise, realizou-se uma leitura flutuante das entrevistas e um exame detalhado do material. Na fase de exploração do material, os dados foram transformados através de recortes, agregação e enumeração das unidades de sentido, que são expressões sobre determinados temas agrupadas em categorias excludentes, permitindo uma representação clara do conteúdo. Finalmente, no tratamento dos resultados e interpretação, os resultados brutos foram categorizados, inferências foram feitas a partir dos recortes e agrupamentos das unidades de sentido, e o conteúdo foi interpretado. Não foram utilizados softwares para o tratamento dos dados. A discussão dos resultados foi realizada em diálogo com a literatura disponível nas áreas de saúde coletiva e saúde mental.

Os procedimentos de coleta de dados respeitaram os critérios éticos, diretrizes e normas estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde do

Ministério da Saúde, tendo início após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), conforme CAAE nº 74685223.7.0000.5569.

Resultado e Discussão

A análise sociodemográfica das participantes do estudo reflete aspectos significativos de suas condições de vida e permite contextualizar os desafios enfrentados por essas mães jovens e os respectivos fatores de proteção. Todas as participantes foram mães durante a adolescência, com idades atuais variando entre 18 e 22 anos: Francesca e Penélope, ambas com 22 anos, Eloise e Daphne, com 20 anos, e Hyacinth, a mais jovem, com 18 anos. Vale destacar que os nomes atribuídos às participantes são fictícios, utilizados com o objetivo de garantir a confidencialidade e preservar suas identidades. Segundo Bezerra e Matos (2022), a maternidade nessa fase é considerada uma problemática social de crescente relevância, devido às mudanças não apenas psicológicas, mas também socioeconômicas que impactam as jovens.

No que concerne à renda familiar, constatou-se uma significativa diversidade entre as participantes. Francesca e Penélope relataram rendimentos de 2 e 5 salários mínimos, respectivamente, enquanto Eloise e Daphne indicaram rendas superiores a 10 e 11 salários mínimos. Hyacinth, por sua vez, declarou uma renda familiar de 1,5 salários mínimos. Este dado é relevante, visto que a literatura aponta a vulnerabilidade financeira como um dos fatores de risco associado à gravidez na adolescência, agravando a condição socioeconômica de jovens já em situação de precariedade (Pinto et al., 2023). No entanto, ressalta-se que o baixo recurso financeiro não se apresenta como fator determinante, dado que a presente pesquisa inclui participantes oriundas de contextos socioeconômicos elevados.

Essa diversidade econômica também se reflete na instituição de ensino superior frequentada. Francesca e Penélope estão matriculadas em faculdades privadas, com Francesca recebendo uma bolsa de 45% e Penélope uma bolsa integral. Eloise e Daphne, cujas famílias possuem rendas mais altas, frequentam faculdades privadas sem o auxílio de bolsas, o que evidencia sua estabilidade econômica. Hyacinth, por sua vez, cursa uma universidade pública.

As participantes residem em famílias compostas por quatro a cinco pessoas. Francesca, Eloise e Daphne vivem em lares com quatro membros, enquanto Hyacinth reside com cinco, todas incluindo seus filhos no núcleo familiar. Em contraste, Penélope, que também vive com cinco pessoas, não coabita com seu filho, o que revela uma configuração familiar distinta e que merece destaque. Levando em conta a sobrecarga gerada pela maternidade, que altera o antigo papel de filha, conforme mencionado por Pinto et al. (2023), a presença dos filhos traz consigo uma série de responsabilidades adicionais.

O cenário familiar desempenha um papel essencial na vivência das jovens mães, influenciando diretamente suas experiências durante a maternidade na adolescência. Esse processo é frequentemente acompanhado por uma ampla gama de sentimentos, tanto positivos quanto negativos, conforme destacado por Matos et al. (2019). Uma configuração familiar funcional não apenas proporciona uma sensação de segurança, mas também favorece uma adaptação mais confiante à nova realidade da maternidade. Quando as adolescentes se sentem apoiadas, seja por familiares ou por outros membros da comunidade, tendem a relatar suas experiências de forma mais positiva, evidenciando a importância de uma rede de apoio sólida nesse período (Matos et al., 2019).

Essa caracterização inicial fornece uma compreensão mais profunda do contexto econômico e social dessas jovens, crucial para a análise dos desafios que enfrentam ao conciliar a maternidade com as responsabilidades acadêmicas. As experiências e percepções das participantes foram agrupadas pelas pesquisadoras em quatro categorias distintas, considerando os discursos analisados, conforme descrito a seguir.

Conciliação entre maternidade e estudos

A presente categoria examina as estratégias de gestão do tempo utilizadas por mães universitárias para equilibrar as responsabilidades familiares e acadêmicas, bem como o impacto da maternidade em suas vivências. Esta análise é essencial para entender os desafios específicos enfrentados por essas mulheres e como elas navegam entre essas duas importantes esferas da vida.

Nesse aspecto, Eloise e Hyacinth mencionam explicitamente a dificuldade de manter uma rotina de estudos regular e, embora não relatem impactos significativos em seu desempenho acadêmico, é observado uma redução na produtividade conforme alertado pela literatura.

*Até hoje mesmo, eu não consegui ainda organizar uma rotina, como eu tinha antes de estudo. Porque depois que eu virei mãe, eu não tenho mais rotina. A minha rotina depende da vida da minha filha agora. [...]
Antes eu tinha uma carga horária de estudo. Eu tinha uma rotina. E hoje, tudo mudou muito, né? Então, isso, de certa forma, me afeta um pouco, sabe? (Eloise).*

Assim, como eu não consigo me concentrar muito, só de noite, mas de noite tem o cansaço, acaba que quando é uma coisa que tem que ler

muito, é muito texto, essas coisas assim, eu fico meio sonolenta. Aí dá uma baixada no rendimento, mas indo devagarinho eu consigo ir, não baixou tanto não (Hyacinth).

A dupla jornada de ser mãe e ser universitária gera uma série de desvantagens na vida acadêmica, como atrasos, faltas e pouca assimilação dos conteúdos, consequência do cansaço físico e psicológico que surge da rotina de cuidar de uma criança (Pereira, dos Santos, & da Silva, 2022).

O estudo de Derrick et al. (2022) revela que o engajamento parental está relacionado a uma diminuição na produtividade acadêmica. As mulheres, em particular, tendem a assumir mais responsabilidades parentais, o que amplifica os efeitos negativos sobre seu desempenho acadêmico.

Francesca descreve a frustração constante de dividir a atenção entre o filho e os estudos, sentindo que sempre está negligenciando um dos lados:

É muito difícil porque assim... Tem que dividir uma atenção. Às vezes eu queria estar estudando, porém tenho que dar aquela atenção à ele. É um pouco frustrante porque você sempre sente que tá prendendo pra algum lado, ou que tá dando atenção demais à ele e tá esquecendo de estudar, ou ta estudando muito e precisa dar mais atenção à ele. É um pouco frustrante nesse aspecto (Francesca).

A literatura aponta que mães universitárias muitas vezes se veem obrigadas a criar estratégias para conciliar os múltiplos papéis, enfrentando sentimentos de ansiedade e insatisfação devido à crença de que são as únicas capazes de cuidar

adequadamente dos filhos (da Silva et al., 2020). Tal discurso amplifica a sobrecarga de mulheres na atualidade, se opondo às questões de igualdade de gênero amplamente discutidas.

As estratégias de gestão do tempo, como a redução da carga horária adotada por Daphne, são exemplos de como as mães universitárias tentam mitigar esses desafios:

Eu diminuí a minha grade curricular. Eu diminuí as cadeiras, para conseguir. Para eu não precisar sair e passar um turno inteiro fora de casa. Sabe? [...] Então, eu chegava mais tarde na faculdade e saía um pouco mais cedo. Porque eu não queria parar de estudar. Eu não queria atrasar tanto assim... Mas, ao mesmo tempo, eu não queria ficar longe dele por muito tempo. Então, assim... Eu tive que mover ali os meus horários e minhas coisas para conseguir (Daphne).

Além disso, os resultados do estudo reafirmam o impacto da estrutura patriarcal na vida de mulheres-mães. Tradicionalmente, o papel de reprodução e cuidado dos filhos tem sido predominantemente atribuído às mulheres, o que muitas vezes funciona como um meio de controle sobre seus corpos e vidas. Em uma sociedade patriarcal, assumir a maternidade frequentemente resulta em exclusão e invisibilidade para essas mulheres, levando muitas vezes à renúncia de atividades e carreiras. Esse contexto social não distribui de forma justa os cuidados e não cria condições que possibilitem às mulheres-mães continuar suas trajetórias como estudantes (Cardoso, Lima & Bartholomei, 2023).

[..] para os pais, é muito mais fácil. A carga do pai, por mais que o pai ajude, é muito menor. A rotina do pai de estudo, se o pai estuda, não muda. A rotina de trabalho não muda. E a da mãe muda completamente. E, como é o meu caso, eu tenho que me adaptar totalmente à rotina da minha filha, né? Fazer minha rotina com base na rotina da minha filha. Então, realmente, eu considero que é um desafio muito grande, né? A gente continuar na faculdade, ser mãe, ser mulher, ser tudo, né?
(Eloise).

[..] é muita coisa pra demandar, acaba que a responsabilidade da casa também cai sobre ela, aí junta a criança com questão da alimentação, a questão de cuidar da casa, de se preocupar com médico, com dinheiro pra comprar as coisas. Aí fica muitas coisas (Hyacinth).

Outrossim, a literatura confirma que a maternidade é um dos principais motivos que afastam jovens brasileiras dos estudos. Uma pesquisa realizada em 2016 pelo Ministério da Educação, em parceria com a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), aponta que a gravidez frequentemente leva as jovens a abandonar a educação formal (Pereira, dos Santos, & da Silva, 2022).

Diante desse contexto, ao serem indagadas sobre a possibilidade de trancar ou desistir do curso, 60% das participantes afirmaram ter considerado essa opção. A justificativa para tal decisão está diretamente relacionada à complexidade de equilibrar múltiplas responsabilidades, como fala Hyacinth: “Sinceramente, já. Porque acaba que é

muita coisa e fica uma bagunça, você fica sem saber direito o que fazer, não sabe se continua mesmo com ela ou dá uma pausa, espera ela ficar maior. É meio complicado”.

Redes de apoio

A categoria a seguir aborda a importância da rede de apoio para as mães universitárias, enfatizando como a presença desse suporte pode influenciar o seu desempenho acadêmico e o seu bem-estar emocional. A presente análise é relevante para que sejam compreendidos os desafios enfrentados por essas mães e como o suporte familiar e social contribuem para sua capacidade de equilibrar as demandas da maternidade e vida profissional.

Nesse sentido, as entrevistas suscitaram reflexões sobre a importância do apoio familiar ao longo da gravidez na adolescência e durante a maternidade. Esse suporte é crucial para ajudar na rotina da mãe universitária, permitindo que familiares ou pessoas próximas da mãe cuidem da criança enquanto ela está estudando. Sem essa rede de apoio, seria extremamente difícil para a mãe dar continuidade aos seus estudos. A ausência desse suporte tornaria a rotina da mãe universitária extremamente pesada, resultando em uma sobrecarga significativa.

Ampliando seu relato, Penélope descreveu a importância desse apoio familiar quando, ao decorrer da entrevista, foi questionada se achava que o apoio durante a graduação é importante para as mães jovens:

Eu não digo que seria, porque me parece impreciso ainda. É tipo, crucial. Sabe? É crucial. Não existe possibilidade sem. Tem que ter alguém que faça o almoço dele, que dê o almoço dele, que leve ele para

a escola, que acorde ele, que dê o café da manhã, que... Sabe? Não tem possibilidade sem rede de apoio. Não tem (Penélope).

De acordo com de Matos et al. (2019), o apoio familiar durante a adolescência contribui para atender às necessidades sociais e emocionais dos jovens, ajudando no fortalecimento de recursos pessoais e no enfrentamento das adversidades típicas dessa fase. Além disso, as dificuldades que se manifestam na gravidez na adolescência podem ser reduzidas se a adolescente tiver a oportunidade de possuir uma rede de apoio (Queiroz, 2020). A jovem Eloise destaca a extrema importância de uma rede de apoio sólida:

Com certeza, porque como eu falei, a cabeça, né? Fica conturbada, fica fora do lugar. Não é uma coisa que você planeje. Então, assim, quando você tem uma rede de apoio, é muito bom. Porque, por exemplo, eu tive apoio de algumas pessoas. Mas de outras pessoas, eu não tive apoio nenhum. Então, eu consigo ver a diferença de como eu era ao redor de pessoas que me apoiavam e como eu estava ao redor de pessoas que, ao invés de me apoiar, só me colocavam pra baixo, sabe? (Eloise).

O caso das jovens sublinha a indispensabilidade dessa rede de apoio, ratificando as conclusões de de Matos et al. (2019) sobre a relevância do suporte social na adolescência para a estabilização de recursos pessoais e enfrentamento das adversidades. A presença desse suporte familiar não só possibilita a continuidade dos estudos, mas também acaba incentivando comportamentos saudáveis, promovendo qualidade de vida para essas jovens mães.

Os dados analisados e a experiência dessas mulheres reforçam a demanda de uma rede de apoio bem construída para que as jovens mães possam balancear as suas responsabilidades acadêmicas e maternas de maneira proveitosa e saudável. Sem esse suporte, a jornada acadêmica e a maternidade seriam tarefas quase insuperáveis, evidenciando a importância de políticas e práticas que promovam e possam facilitar o acesso a redes de apoio para essas mulheres.

Quando as participantes foram questionadas sobre as dificuldades enfrentadas por serem mães jovens, Penélope destacou outro aspecto crucial:

Eu acho que talvez algo muito importante é também a ansiedade de perder a rede de apoio. Que me atravessou por vários momentos, assim. Entendeu? Porque, tipo, as pessoas têm suas vidas, sabe? Tipo, a responsabilidade de criar no final é minha e do pai dele (Penélope).

A jovem Francesca declarou que os julgamentos foram uma das partes mais difíceis de sua experiência como mãe:

Assim, meus pais, né? Foram tranquilos, aceitaram. Falaram que não tinha o que fazer, né? Meus irmãos, realmente, foi bem difícil. Na verdade, bem difícil não. Porque eles não têm o que mandar na minha vida, né? Quem manda em mim ainda são meus pais. Mas assim, de certa forma, foi muito complicado. Porque eles falaram muita coisa. Falaram que eu era burra. Me desmotivaram bastante, sabe? (Eloise).

A partir desses depoimentos pode-se observar uma constante preocupação com a sustentabilidade da rede de apoio, bem como a dificuldade em lidar com julgamentos relacionados à maternidade precoce. Penelope descreve uma ansiedade em depender de pessoas que também tem suas próprias vidas e responsabilidades. A dúvida em relação à continuidade desse suporte pode se tornar uma fonte significativa de estresse para essas mães, que entendem que a responsabilidade final de criar e educar o seu filho recai sobre elas e seus parceiros. Na fala de Francesca, observa-se que o estigma social e as críticas podem impactar de forma negativa na saúde mental e emocional das jovens mães, tornando suas jornadas ainda mais desafiadoras.

Desafios Acadêmicos e Adaptativos

Nesta análise, exploramos os desafios enfrentados por mães universitárias no contexto brasileiro, dando ênfase às dificuldades específicas encontradas tanto durante a gravidez quanto após o nascimento dos filhos. Além disso, destacamos a necessidade de adaptações estruturais e políticas por parte das instituições de ensino superior para apoiá-las de maneira efetiva.

As entrevistas da presente pesquisa revelam as dificuldades vividas pelas mães estudantes. Daphne, por exemplo, ilustra a falta de suporte contínuo após o nascimento do bebê, evidenciando a necessidade de políticas mais abrangentes nas universidades.

Quando você trabalha e tem um filho, você ainda tem uns meses de licença. No meu caso, como estudante, eu não tive. [...] Quando eu estava grávida, eu estava na faculdade e eles deram uma licença. A partir do oitavo mês a gente podia ficar em casa, tinha umas atividades em casa. Eu não lembro os detalhes como eram, mas isso na gravidez.

Depois que o bebê nasce... Não tem nada. Sabe? [...] Fora que depende muito dos professores. [...] Como norma oficial da faculdade não tem muito auxílio (Daphne).

Cardoso, Lima e Bartholomei (2023) discutem como o modelo universitário brasileiro é estruturalmente excludente, dificultando o acesso de estudantes de baixa renda e cuidadoras. O estudo constata que a estrutura meritocrática e produtivista das universidades frequentemente desconsidera as particularidades das trajetórias das mães estudantes, perpetuando um ambiente acadêmico hostil e pouco inclusivo.

Eloise compartilhou seu medo de ter que trancar a faculdade após a gravidez e, para evitar isso, ela mesma organizou suas faltas para continuar os estudos:

Eu fiquei com muito medo quando eu engravidei, porque eu achava que eu teria que trancar a faculdade [...] Eu só podia perder a carga horária de 25% mesmo com a licença maternidade, né? Que é de quatro meses. Se eu tirasse essa licença, eu iria perder o período. E não era isso que eu desejava. [...] Mas acabou que eu me organizei, de acordo com o calendário. [...] E com 20 dias que eu tinha tido minha bebê, eu tive que voltar pra faculdade. [...] Eu já voltei pra fazer prova. Foi muito difícil pra mim (Eloise).

Ao comparar as observações das entrevistas com a literatura, percebe-se uma convergência significativa. As experiências relatadas refletem as dificuldades e a falta de apoio discutidas na literatura. Pereira, Santos e Silva (2022) abordam o regime de exercícios domiciliares como um direito das mães universitárias, estabelecido pela Lei

6.202/75. No entanto, muitas instituições de ensino não cumprem essa legislação, deixando as estudantes desassistidas. As autoras apontam que o período estipulado pela lei é muito curto, obrigando as mães a retornarem às aulas enquanto seus filhos ainda são muito pequenos, o que complica o aprendizado delas.

A legislação existente, como a Lei 6.202/75, embora relevante, é insuficiente sem uma implementação efetiva e uma extensão adequada dos prazos para exercícios domiciliares. Além disso, a ausência de políticas claras por parte das universidades e a dependência da boa vontade de professores individuais deixam as estudantes em uma posição vulnerável, conforme descrito pela fala que segue:

Eu avisei, desde que voltei para casa depois da maternidade, que eu pedi acompanhamento especial... e fiquei esperando um tempo. Teve uns que demorou que só, teve outros que responderam bem rápido... E outros mesmo, eu só consegui ter contato pra fazer alguma coisa de atividade da matéria dele para fechar a nota do período agora nessas duas últimas semanas. (Hyacinth).

Além disso, a infraestrutura das universidades costuma reforçar a exclusão desse público. Cardoso, Lima e Bartholomei (2023), apontam a inexistência de espaços dedicados à amamentação ou acolhedores para crianças dentro das instituições. Esse cenário também é refletido nas experiências relatadas pelas entrevistadas:

Ia ser bom ter algum lugar para eu conseguir tirar meu leite, porque eu vou passar muito tempo, o peito vai encher de leite, aí ia ser bom eu tirar para guardar ou pra dar pra ela mesmo. E de alguma forma ter

uma conversa com os professores de, quando eu precisar levar ela, ou eu sentar mais lá trás, ou precisar sair, caso ela esteja agitada e tal (Hyacinth).

Tem muita gente que eu sei que leva o filho pra faculdade, e isso não é proibido, graças a Deus, mas eu sinto que não tem estrutura. [...] Você vai em um shopping, tem um espaço da área, tem um trocador no banheiro, tem alguma coisa. Na faculdade você não vê. E realmente, eu sinto que é um ambiente feito justamente, eu não vou dizer que é impedindo, mas impossibilitando a presença de mãe (Daphne).

No estudo de Lucchini-Raies et al. (2018), é abordado essa falta de apoio institucional, observando que muitos estudantes se sentem invisíveis em suas universidades. A falta de consideração para com estudantes-mães pode gerar dificuldades no cumprimento de seus papéis, influenciando negativamente tanto o desempenho acadêmico quanto a construção do autoconceito como mãe. As autoras sugerem a criação de políticas universitárias que levam em consideração a condição específica das estudantes e oferecem o suporte adequado promovem um ambiente acadêmico mais inclusivo.

Nesse sentido, da Silva et al. (2020) discutem a importância de políticas de incentivo, como o auxílio creche, para promover a permanência das mães universitárias. Eles destacam que a UFMA, por exemplo, dispõe de uma brinquedoteca e oferece uma bolsa para ajudar nas despesas das alunas mães, o que contribui significativamente para que possam continuar seus estudos.

Motivações e Expectativas Futuras

Além das dificuldades e julgamentos, as entrevistadas compartilharam quais foram suas motivações pessoais para dar continuidade aos estudos independentemente dos desafios associados à maternidade. Quando questionadas sobre o que fizeram para vencer as dificuldades e quais estratégias usaram, Francesca trouxe sobre sua motivação:

Eu acho que eu me preparei mais mentalmente pra isso, sabe? Não foi uma coisa que eu planejei... Mas isso tinha acontecido e é isso. Bola pra frente, agora é cuidar dele e nunca desistir, né? Porque hoje o sonho não é só meu, é um sonho que é pra ele também. Eu tenho um futuro por nós dois (Francesca).

A partir do relato da jovem, pode-se notar uma resiliência ao adaptar sua mentalidade e se preparar emocionalmente para os obstáculos. Sua motivação para continuar os estudos é disparada pelo desejo de garantir um futuro melhor tanto para ela quanto para seu filho. A maternidade não apenas recompôs suas prioridades, mas também corroborou para a sua determinação em alcançar seus objetivos.

Segundo Costa (2021) e Barcelos (2023), ao se tornar mãe, a jovem passa a ter uma jornada de trabalho excessiva, podendo prejudicar na formação acadêmica. Estas estudantes mães se sentem, por muitas vezes, exaustas psicologicamente e fisicamente, dificultando sua concentração ao decorrer das aulas, além da culpa por precisar deixar o bebê sob cuidados de outras pessoas durante o tempo de estudos. A falta de tempo, dificuldade financeira e não ter com quem deixar os filhos são alguns dos muitos obstáculos que enfrentam.

Contudo, muitas mães enxergam os seus filhos como a principal motivação para continuar superando as adversidades. A responsabilidade de proporcionar um bom futuro para seu bebê acabou se tornando um impulso dominante para essas jovens mães. As entrevistadas afirmam o desejo em oferecer melhores condições de vida, educação e oportunidades, o que as incentiva a continuar sua formação acadêmica, apesar das dificuldades.

Quando questionadas sobre o que as fez continuar sua formação, as participantes revelaram que seus filhos foram a principal motivação:

O que me estimulou foi a minha filha. Assim, eu sabia que eu precisava dar as melhores coisas pra ela, que eu preciso trabalhar, que eu preciso me manter, né? E manter ela. E assim, deixar de depender dos meus pais o mais rápido possível (Eloise).

E eu pretendo ter uma formação... Ainda mais agora... Que eu tenho filho... Então... Eu quero dar o melhor... Futuro para ele... Na minha vida... Se eu puder dar, né? Então... Para mim... Estudo é muito importante... Sempre foi... E agora mais ainda... Porque... Não é só por mim... Sabe? (Daphne).

A principal motivação acaba sendo a de proporcionar um bom futuro para cuidar de seus filhos, assegurando-lhes uma boa estabilidade e futuras oportunidades.

Dentre os relatos das entrevistadas, destaca-se a dificuldade em conciliar a maternidade precoce e a vida acadêmica sem uma rede de apoio sólida. Essa rede de apoio disponibiliza um suporte substancial, como cuidar do bebê enquanto a mãe

estuda, e também um suporte emocional, reduzindo o estresse e a ansiedade associados à maternidade das jovens. Quando recebem esse suporte, as jovens podem contar com a assistência psicológica, financeira e o cuidado necessário nas atividades de acompanhamento gestacional, o que contribui para uma gestação mais saudável e, hipoteticamente, para um maior bem-estar emocional (Feitosa do Nascimento et al., 2023).

Ademais, as jovens também expõem os desafios enfrentados por elas, incluindo a ansiedade sobre a sustentabilidade dessa rede de apoio e o impacto negativo dos julgamentos sociais. A dúvida sobre a permanência do suporte familiar pode ser uma fonte significativa de tristeza e estresse, e o estigma social pode acabar afetando de forma negativa a saúde mental dessas mães, tornando sua jornada mais desafiadora. (Marques, 2023).

Por fim, as entrevistadas sinalizam que, não obstante dos desafios significativos, a maternidade trouxe uma motivação para continuar seus estudos. A indispensabilidade de garantir um futuro melhor para seus filhos se transforma em um impulso que supera as dificuldades do cotidiano, como a exaustão física e psicológica, a falta de apoio, e as dificuldades financeiras. A rede de apoio aparece como um elemento fundamental, que proporciona às mães jovens um ambiente mais favorável para a pacificação entre a maternidade e a vida acadêmica. Apesar dos julgamentos, essas jovens encontram na resiliência e no amor por seus filhos a determinação para alcançar uma melhor qualidade de vida para suas famílias. Dessa forma, seus relatos não apenas ilustram a perseverança individual, mas também acentuam a importância de um amparo para o sucesso profissional dessas mães.

Considerações Finais

Este estudo revelou a complexidade e os desafios enfrentados pelas mães universitárias, destacando a necessidade de políticas inclusivas que favoreçam o equilíbrio entre vida pessoal e acadêmica. As entrevistas mostraram como a dupla jornada impacta significativamente o bem-estar e o desempenho acadêmico dessas mulheres, que muitas vezes precisam criar estratégias para lidar com suas responsabilidades, nem sempre eficazes para mitigar os impactos negativos.

A importância de uma rede de apoio foi amplamente destacada, sendo o suporte familiar e social essencial para que as mães sigam seus estudos. A ausência desse suporte pode levar a uma sobrecarga insustentável, reforçando a necessidade de políticas que facilitem o acesso a essas redes. Além disso, o estudo evidenciou a urgência de adaptações estruturais nas instituições de ensino superior, como licença-maternidade adequada, espaços para amamentação, cuidados infantis e maior flexibilidade acadêmica. Sem essas medidas, muitas mães consideram abandonar seus estudos.

Os desafios enfrentados por essas mulheres corroboram a literatura sobre as barreiras em um sistema educacional excludente. É fundamental que as universidades revisem suas práticas para promover inclusão e diversidade, garantindo oportunidades iguais a todas as alunas. Por fim, o estudo enfatiza a necessidade de novas pesquisas que aprofundem a compreensão das vivências de mães universitárias, possibilitando a criação de ambientes acadêmicos mais acolhedores e inclusivos.

Referências

1- Alberti, S., & Silva, H. F. D. (2019). Sexuality and questions of gender in adolescence: Contributions of psychoanalysis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35434.

- 2- Barcelos, E. M. D. S. (2023). Permanência e êxito das estudantes-mães no ensino superior.
- 3- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, (38-39).
- 4- Benedito, F. C. S. (2020). Comparação entre a qualidade de vida e o estresse de gestantes e de mães universitárias de diferentes nacionalidades: uma abordagem mista [Doctoral dissertation].
- 5- Benzoni, S. A. G., Mesquita, A. S. D., Ostanello, F. Z., dos Santos, I. L., & de Souza Lira, N. (2020). O desenvolvimento psíquico de adolescentes mães: uma visão winnicottiana. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 1, 590–599.
- 6- Cabral, C. D. S., & Brandão, E. R. (2020). Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00029420.
- 7- Cardoso, P. F. G., de Lima, M. P., & Bartholomei, M. A. (2023). O (não) lugar da mulher-mãe na universidade, resistências e conquista no ENPESS/2022. *Temporalis*, 23(46), 309–327.
- 8- Costa, R. (2021). Estudo sobre o perfil das estudantes-mães dos cursos superiores do IF Goiano-Campus Ceres.
- 9- Derrick, G. E., Chen, P. Y., van Leeuwen, T., Larivière, V., & Sugimoto, C. R. (2022). The relationship between parenting engagement and academic performance. *Scientific Reports*, 12(1), 22300. <https://doi.org/10.1038/s41598-022-26258-z>
- 10- Feitosa do Nascimento, A. C., Nascimento, B. T. S. do, Schuler, M. F. de L., Costa, Y. F. de A., Rodrigues, I. C. dos S. da S., Pereira, I. S. de L., Freitas, A. E. F. de, Faria, C. P. L. de, Soares, A. P., Bastos, E. H. S., Costa, A. C. M. de S. F. da, & Yopez, J. C. (2023). Impactos do apoio familiar frente à gestação na adolescência. *Brazilian Journal*

of Implantology and Health Sciences, 5(4), 1607–1621. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p1607-1621>

11- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas SA.

12- Gonzaga, P. G. A., de Araújo Pereira, C. A. A., de Souza Costa, B., Silva, C. K. N., dos Santos, B. M., Souto, R. R., & da Paixão, M. R. S. (2021). A gravidez na adolescência e suas perspectivas biopsicossociais. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(10), e8968–e8968.

13- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). Rio de Janeiro.

14- Kirchherr, J., & Charles, K. (2018). Enhancing the sample diversity of snowball samples: Recommendations from a research project on anti-dam movements in Southeast Asia. *PloS One*, 13(8), e0201710.

15- Lucchini-Raies, C., Márquez-Doren, F., Herrera-López, L. M., Valdés, C., & Rodríguez, N. (2018). The lived experience of undergraduate student parents: Roles compatibility challenge. *Investigación y Educación en Enfermería*, 36(2).

<https://doi.org/10.17533/udea.iee.v36n2a03>

16- Marques, C. M. B., Soares, H. V., Rodrigues, M. G., & De Souza, T. G. (2023). A vivência da educação em saúde na relação Unidade Básica de Saúde e os adolescentes. *Saúde & Conhecimento-Jornal de Medicina Univag*, 1.

17- Pereira, A. L. L., dos Santos, B. G., & da Silva, L. R. (2022). Mães universitárias: a luta pela conciliação da maternidade com a universidade. *South American Development Society Journal*, 8(23), 152.

18- Queiroz, A. M. D. A. (2020). Rede de apoio na gravidez na adolescência.

<http://bdtd.famerp.br/handle/tede/746>

- 19- Vieira, A. C. (2018). Vivências da maternidade na graduação: uma revisão sistemática [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pará]. <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1080>
- 20- de Matos, G. C., Soares, M. C., de Lima Escobal, A. P., Quadro, P. P., & Rodrigues, J. B. (2019). Rede de apoio familiar à gravidez e ao parto na adolescência: uma abordagem moscoviciiana. *Journal of Nursing and Health*, 9(1).
- 21- da Silva, J. S., Alves, M. B., Carvalho, G. B., Tavares, R., de Arruda, A. A., & da Costa, C. D. M. (2020). A maternidade na trajetória universitária: desafios percorridos e enfrentamentos. *Educação em Revista*, 36, e213963.

O presente artigo foi formatado segundo os critérios da Revista Psicologia: Ciência e Profissão. Segue as informações abaixo:

Critérios gerais para avaliação dos manuscritos

1. Os trabalhos enviados podem ser redigidos em português, em inglês, em espanhol ou em francês, obrigatoriamente com títulos e resumos em português, inglês e espanhol;
2. Espaço duplo, fonte Times New Roman, tamanho 12, margens de 2,54 centímetros, texto alinhado à esquerda;
3. Textos devem ser submetidos em extensão .doc. ou .docx;
4. Tabelas e figuras (gráficos e imagens) devem constar no corpo de texto, mas necessariamente em formato editável. Anexos não são aceitos;
5. As páginas não devem ser numeradas;
6. O título deve ter até 12 palavras, ser centralizado, em negrito e conter letras maiúsculas e minúsculas;

7. O título deve explicitar o(s) fenômeno(s) estudado(s) e a relação com o contexto de investigação;
8. O resumo deve corresponder ao desenvolvimento do texto e conter de 150 a 250 palavras, e de 3 a 5 palavras-chave em cada um dos resumos;
9. As referências e formas de citação devem seguir as Normas de Publicação da APA: American Psychological Association. (2010). Publication manual of the American Psychological Association (6th ed.). Washington, DC: Author);
10. Se uma citação ou trecho de entrevista compreende menos do que 40 palavras, incorpore-a ao texto e a coloque entre aspas duplas. Caso compreenda 40 ou mais palavras, apresente-a em um bloco de texto separado e omita as aspas;
11. Todas as referências citadas no texto devem aparecer na lista de referências/
Todos os autores que constam na referência devem estar citados no texto;
12. Todos os endereços de páginas na Internet (URLs) incluídos no texto devem estar ativos e prontos para acesso imediato.
13. Autores e coautores que estejam com artigo em avaliação não podem submeter um novo até a decisão editorial.
14. Todos os autores e coautores devem ter seu Open Researcher and Contributor ID – ORCID cadastrado em seu perfil do SciELO. Caso não tenha o ORCID, fazer o cadastro em <https://orcid.org/register>.
15. Autores de artigos que não possuem graduação completa na área de Psicologia ou afins deverão ter em coautoria um profissional com no mínimo graduação.

